



thelenacrad@hotmail.com

Impresso: segunda-feira, 9 de abril de 2007 21:20:27

De: Marcelo Nascimento <popularzonaleste@terra.com.br>
Responder para: per_educa@yahoogrupos.com.br
Enviado: sexta-feira, 6 de abril de 2007 02:14:07
Para: per_educa@yahoogrupos.com.br
Assunto: [per_educa] Noticias Fundação Casa

05/04/2007 - 19h08 - Atualizado em 05/04/2007 - 19h20

Atividade nos últimos dias

Futebol faz menor estender internação na Febem
 Reincidente em crime grave, ele já poderia ter deixado a instituição há um mês.
 Só aceitou ir embora depois da decisão de um torneio de futebol.

Novos usuários 3

Alessandro Pereira passou quatro dos seus 19 anos como interno da Fundação Casa, a antiga Febem. Reincidente em crime grave, ele já poderia ter deixado a instituição há um mês, mas não quis. Só aceitou ir embora depois da decisão de um torneio de futebol.

Visite seu Grupo
Yahoo! Mail

Pelo futebol, Alessandro fez ainda mais que os outros cinco colegas do time campeão de Rio Dourado, da cidade de Lins, a 446 km de São Paulo, que assim como ele, decidiram ficar. Pediu transferência por achar que teria melhor sorte longe de São Paulo.

Conecte-se ao mundo

Proteção anti-spam

Muito mais espaço

"Eu não queria competir coisa nenhuma, queria é ganhar", disse ele, após a vitória por 4x2 sobre a unidade do Brás, da capital paulista, antes do clássico entre São Paulo e Palmeiras no estádio do Morumbi.

Yahoo! Barra

"Já joguei na outra vez pelo Tatuapé, em São Paulo, e pedi transferência para o interior porque o time era melhor."

Instale grátis

Buscar sites na web

O caso dos seis jovens chamou a atenção dos funcionários da antiga Febem, que organiza também campeonatos de futsal, basquete, vôlei, boxe, karatê e xadrez. Mas não é o primeiro exemplo de respeito dos internos pelo esporte.

Checar seus e-mails .

Yahoo! Grupos

"Isso tudo ajuda muito a segurar os meninos. Lembro até de uma vez que quebraram um monte de coisas na unidade do Tatuapé, mas preservaram todo o material esportivo", disse o diretor de esportes da Fundação Casa, Carlos Alberto Robles.

Crie seu próprio grupo

A melhor forma de comunicação

Sem desculpa

Nos jogos dos internos da Febem não há espaço para pedir desculpas. O problema é a sílaba "cul", que pode ser mal interpretada e causar brigas entre os internos.

"Eles costumavam dizer 'sem maldade'. O nosso esforço também é trazer os meninos para a nossa linguagem", afirmou.

Durante o jogo, nem Alessandro nem os colegas disseram a palavra "desculpa" pelos erros que cometeram em campo. Mas ele diz saber que terá de se portar de outro modo na sociedade.

Inseguro, ele teme as ruas, apesar de dizer que mudou sua visão sobre a vida na passagem na Febem, que não constará nos seus antecedentes criminais.

"No futebol eu não sei se tenho futuro", disse. "Não sei se vão me aceitar numa escola. Em casa pode ser difícil. Mas para o crime eu acho que não volto."

Com 34 jogos em dois meses, o torneio de futebol mobiliza de alguma

forma quase todos os mais de 5 mil internos das 92 unidades do estado da antiga Febem. Mas se houver um ato forte de indisciplina de um interno, toda a equipe é excluída.

Nesta edição do torneio, que é realizado pela terceira vez seguida, isso aconteceu apenas com a unidade de São José dos Campos, a 91 km de São Paulo, após uma fuga ainda antes da competição.

Há também as unidades que não seriam aceitas pelas outras no torneio, como a da Vila Maria, em São Paulo: ali os internos são reincidentes em casos gravíssimos.

Concentração

A máxima do filósofo futebolístico Neném Prancha de que "se concentração ganhasse jogo, o time da penitenciária não perdia uma" não vale para os garotos da antiga Febem quando se trata da galeria de títulos no torneio. Ninguém quer ser bicampeão.

"Foi bom virar artilheiro, mas eu é que não quero estar aqui para jogar de novo no ano que vem", disse W.F., de 17 anos, autor do gol do título do torneio.

O mesmo vale para os jovens da unidade do Brás, que não desejam se vingar da derrota deste ano na edição de 2008. Para eles, o objetivo é sair o quanto antes.

"Ninguém acreditava na gente, nossa quadra é muito pequena, mal dá para jogar. A maioria nunca tinha pisado num gramado de futebol antes", disse E.L., 17. "Mas tem que saber perder", completou ele, em desacordo com a maioria dos colegas que consideraram a derrota injusta.

Para o jurista Walter Maierovitch, os torneios são um paliativo para os jovens, que podem vir a se frustrar mais tarde pela falta de chances de atuar por uma grande equipe.

"A própria Febem com o novo nome também não tem nenhum compromisso mais sério para encaminhar aos centros de treinamento dos clubes e as federações ainda não aceitam muito o encargo de monitorá-los. É aí que começa o vácuo que eles encontram na sociedade, na falta de oportunidade", disse.

Cientes da discussão sobre redução da maioria penal, após vários crimes bárbaros cometidos por menores, os jovens discordam da iniciativa.

"Acho que aqui é melhor. A gente se recuperar é só uma questão de oportunidade e de força de vontade. Não adianta enfiar todo mundo no mesmo lugar", afirmou o jovem R.S., 16.

Para Maierovitch, que foi chefe da Secretaria Nacional Antidrogas (Senad), a proposta brasileira de redução da maioria penal é "conservadora e reacionária".

"Apenas isso é uma solução pobre, sem nenhum componente ressocializante. Os países europeus que reduziram a maioria não deixam esse contato entre os mais novos e os mais experientes e perigosos", afirmou.

No primeiro ano do torneio, houve 53 rebeliões na Febem, segundo números oficiais. Em 2006 foram 28 e até agora neste ano, no qual foram implantados projetos de basquete, vôlei e outros esportes, foram apenas duas.

Alessandro concorda com o juiz e espera passar longe das penitenciárias agora que saiu da internação. Mas em meio às dúvidas sobre o futuro, só tem uma certeza.

"Se eu estiver em campo com esse pessoal no ano que vem, é porque alguma coisa não deu certo na vida."

